

# As fitas de Porto Claro

ADRIAN SOLARD

---



EDITORA SIGNA  
EDIÇÕES CRITERIOSAS  
BRASÍLIA-DF • 2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Solard, Adrian

As fitas de Porto Claro / Adrian Solard. -- Brasília,  
DF : Editora Signa, 2026.

ISBN 978-65-82043-07-9

1. Literatura brasileira 2. Romance juvenil  
3. Mistério (Ficção) 4. Segredos de família - Ficção  
5. Memória - Ficção I. Título.

CDU-821.134.3(81)-31

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romance juvenil : Literatura brasileira 821.134.3(81)-31

Copyright © 2026 Adrian Solard

Todos os direitos reservados.

Título: As fitas de Porto Claro

Autor: Adrian Solard

Editora: Editora Signa

Ano: 2026

*Àqueles que cresceram tentando compreender silêncios  
que nunca foram seus, mas acabaram moldando quem  
eram.*

*E a todos os que precisaram encontrar a própria  
voz entre versões incompletas, afetos falhos e verdades  
adiadas.*



# Sumário

|                                                          |            |
|----------------------------------------------------------|------------|
| <b>Parte 1 — Tudo o que eu nunca disse</b>               | <b>9</b>   |
| Capítulo 1 — A casa que respira                          | 11         |
| Capítulo 2 — Gente nova, silêncios velhos                | 20         |
| Capítulo 3 — O nome que ninguém diz                      | 29         |
| Capítulo 4 — Coisas que a gente esconde para sobreviver  | 47         |
| Capítulo 5 — A metade da verdade                         | 64         |
| Capítulo 6 — O que minha mãe não consegue dizer          | 80         |
| Capítulo 7 — O que voltou do cais                        | 95         |
| Capítulo 8 — A voz que volta                             | 107        |
| Capítulo 9 — A parte que nunca foi dita                  | 118        |
| Capítulo 10 — O que ainda pode ser dito                  | 135        |
| <b>Parte 2 — O que sobrou da verdade</b>                 | <b>153</b> |
| Capítulo 11 — Duas irmãs, uma cidade inteira olhando     | 155        |
| Capítulo 12 — A verdade também mente por excesso         | 166        |
| Capítulo 13 — O que a minha mãe era antes de mim         | 178        |
| Capítulo 14 — O que a verdade não conserta               | 189        |
| Capítulo 15 — Todas as pessoas que eu não consigo salvar | 201        |
| Capítulo 16 — O amor quando deixa de ser hipótese        | 215        |
| Capítulo 17 — A casa, o mar e o que não volta            | 228        |
| Capítulo 18 — A escolha que ninguém pode fazer por mim   | 239        |
| Capítulo 19 — O começo do que falta                      | 250        |
| <b>Parte 3 — O lugar onde eu fico</b>                    | <b>263</b> |
| Capítulo 20 — A cidade que começa a ficar pequena        | 265        |
| Capítulo 21 — O que cada um acha que eu devo fazer       | 278        |

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| Capítulo 22 — A distância antes da distância                    | 288 |
| Capítulo 23 — O que a minha mãe faz quando eu não estou olhando | 295 |
| Capítulo 24 — A verdade depois do drama                         | 306 |
| Capítulo 25 — Ravi e o nome das coisas                          | 316 |
| Capítulo 26 — O amor quando já não precisa prometer             | 326 |
| Capítulo 27 — O lugar de Olívia                                 | 335 |
| Capítulo 28 — O dia da partida                                  | 347 |
| Capítulo 29 — O lugar que levo comigo                           | 357 |
| Agradecimentos                                                  | 364 |

PARTE 1

---

# Tudo o que eu nunca disse



# A casa que respira

Quando minha mãe disse que a gente ia embora, ela não chorou.  
Meu pai também não.

Foi isso que me deixou com mais raiva.

Se eles tivessem gritado, batido porta, quebrado alguma coisa, talvez eu entendesse melhor. Talvez eu pudesse escolher um lado, acusar alguém, bater a porta do quarto e passar dias fingindo que odiava os dois com a mesma intensidade. Mas não. Eles sentaram na cozinha como adultos civilizados demais, com uma distância pequena entre as mãos e grande demais entre todo o resto, e explicaram que às vezes duas pessoas boas não conseguem continuar juntas.

Eu pensei que duas pessoas boas também não fazem a filha enfiar a própria vida em seis caixas e atravessar a estrada até uma cidade que cheira a sal, ferrugem e assunto mal resolvido.

Mas eu não falei.

Eu já era treinada em não falar.

Fiquei ouvindo enquanto eles diziam coisas como “não é culpa sua”, “a gente continua sendo sua família”, “vai ser melhor assim”. Frases organizadas, limpas, quase ensaiadas. Nenhuma delas combinava com a bagunça que eu sentia por dentro. Meu pai olhava para a mesa. Minha mãe olhava para mim como se esperasse uma reação que ela pudesse administrar. Eu não dei.

No dia da mudança, coloquei meus livros numa caixa de supermercado, minhas roupas em sacos grandes e minhas coisas pequenas numa mochila.

As coisas pequenas foram as piores. Um ingresso antigo de cinema. Um chaveiro quebrado. Uma foto com uma amiga da escola que provavelmente deixaria de ser tão amiga assim em poucas semanas. Era estranho perceber que a vida cabia em caixas, mas não ficava inteira nelas.

Porto Claro apareceu pela janela do carro num fim de tarde cinza, molhado, meio apagado. Casas antigas. Muros baixos. Fios cortando o céu. Bicicletas jogadas em portões enferrujados. O mar surgindo entre uma rua e outra, como alguém que observa sem se meter. A chuva tinha parado fazia pouco, e tudo brilhava daquele jeito bonito e triste que certas cidades têm quando parecem cansadas mesmo paradas.

Minha mãe apertou o volante.

“Já estamos quase chegando.”

Eu não respondi.

Eu estava ocupada odiando a expressão “chegando”, como se aquilo tivesse sido decisão minha.

A casa da minha avó ficava no alto de uma ladeira ingrata, daquelas que fazem qualquer mala parecer castigo. Era maior do que eu lembrava, mas memória de infância sempre exagera. As janelas eram altas, de madeira escura. O portão rangia antes mesmo de abrir inteiro. O jardim estava largado, com plantas vivas por pura insistência, vasos rachados e uma trepadeira que parecia ter decidido tomar conta de tudo sem pedir permissão.

Minha mãe desligou o carro e ficou alguns segundos sem sair.

“Lia”, ela começou.

“Não.”

Ela me olhou.

“Eu nem falei nada.”

“Mas ia falar.”

Ela fechou a boca, cansada.

Aquilo me deu uma vitória pequena e horrível.

Minha avó abriu a porta antes de a gente tocar a campainha.

Dona Célia nunca teve cara de avó fofa de propaganda. Sempre foi magra, ereta, com cabelo branco preso num coque firme e um jeito de olhar que fazia a pessoa pensar duas vezes antes de mentir. Quando eu era menor, achava que ela conseguia descobrir tudo só pelo jeito que alguém

segurava o copo. Só que, naquele dia, havia alguma coisa diferente. Um atraso pequeno no olhar. Como se ela precisasse de um segundo a mais para me encaixar no mundo.

“Helena”, ela disse para minha mãe.

Depois me olhou.

“Você cresceu.”

“Eu sou a Lia, vó.”

Ela inclinou um pouco a cabeça.

“Lia”, repetiu. “Claro.”

Minha mãe desviou os olhos. Foi rápido, mas eu vi. E, quando minha mãe evita olhar alguma coisa, normalmente é porque essa coisa importa.

Entramos.

A casa tinha cheiro de madeira antiga, café requentado e maresia. Não era ruim. Era só um cheiro cheio. Como se cada parede tivesse passado tempo demais guardando coisa dos outros. O piso rangia em alguns pontos, mas não em todos, o que tornava cada passo uma aposta. Havia fotografias antigas pelos corredores, quase todas um pouco tortas. Meu avô em roupa de domingo. Minha mãe adolescente, séria demais. Eu pequena, numa praia, segurando um balde vermelho. Em alguns lugares, a parede estava mais clara, como se um quadro tivesse sido tirado dali e ninguém tivesse colocado outro no lugar.

Fiquei olhando para uma dessas marcas claras por tempo demais.

“Seu quarto continua o mesmo de quando você vinha nas férias”, minha mãe disse.

“Que reconfortante”, respondi. “Sempre quis morar dentro de uma lembrança antiga.”

Ela fez aquela cara de quem ouviu a ironia, mas não tinha energia para revidar.

Meu quarto ficava no fim do corredor de cima. A janela dava para os fundos da casa, onde o quintal acabava numa cerca baixa e depois num pedaço de mato torto, batido pelo vento. As cortinas ainda eram floridas. O guarda-roupa tinha um espelho manchado. Na estante, dois livros infantis meus continuavam ali, como se ninguém tivesse coragem de mexer. Um deles tinha uma figurinha colada na capa, já desbotada, que eu lembrava de ter colocado ali numa tarde de férias. Essa lembrança

me irritou. Parecia uma versão minha que tinha aceitado ficar guardada naquele quarto por anos, esperando eu voltar.

Na cama, minha mãe já tinha deixado um cobertor azul dobrado.

Isso quase me desmontou.

Não o cobertor. O gesto.

O jeito meio desajeitado que algumas pessoas têm de tentar amar quando já erraram em outras coisas que ainda nem sabem nomear.

Eu toquei no tecido com a ponta dos dedos e tirei a mão rápido, como se ele pudesse perceber que eu tinha amolecido por meio segundo.

Passei o resto da tarde fingindo organizar a vida. Roupa na gaveta. Livro na estante. Nécessaire no banheiro. Fone de ouvido desaparecido. Carregador dentro de uma caixa errada. Eu fazia tudo devagar, não por cuidado, mas porque terminar de arrumar parecia aceitar que eu ficaria ali. E eu ainda queria manter, pelo menos na cabeça, a possibilidade infantil de acordar no dia seguinte na minha antiga cama, com meus pais ainda fingindo que estava tudo bem no lugar de sempre.

Lá embaixo, minha mãe andava pela casa com aquele ritmo nervoso de quem se ocupa para não pensar. Em algum momento, ela e minha avó começaram a conversar na cozinha.

No começo, baixo demais.

Depois, não.

“Ela tem o direito de saber”, minha avó disse.

Minha mão parou dentro da gaveta.

Minha mãe respondeu alguma coisa que não entendi.

“Você acha que esconder melhora?” minha avó insistiu.

Silêncio.

Fiquei parada com uma camiseta na mão, sem coragem de descer e sem coragem de continuar dobrando nada. O corredor parecia comprido demais. A casa parecia escutar junto comigo.

Depois ouvi minha mãe:

“Não hoje.”

Só isso.

Não hoje.

O tipo de frase que não encerra assunto nenhum. Só empurra.

À noite, jantamos sopa.

Eu não estava com fome, mas comi o suficiente para ninguém começar interrogatório. Minha mãe parecia exausta. Não do tipo normal. Do tipo de quem está o dia inteiro segurando uma coisa pesada dentro do peito e ainda precisa perguntar se você quer mais sal. Minha avó falava pouco. Às vezes dizia frases perfeitamente normais. Às vezes soltava alguma coisa que parecia ter vindo de outro cômodo da cabeça.

“Casa velha sempre devolve o que escondem nela”, ela disse, mexendo na colher.

Minha mãe ergueu os olhos na mesma hora.

“Já está tarde, mãe.”

Eu fingi que não era comigo, mas guardei a frase.

Minha avó voltou para a sopa como se não tivesse dito nada. Minha mãe tomou água. Eu fiquei olhando para as duas, tentando entender que tipo de coisa era grande o suficiente para fazer uma adulta mudar de assunto com tanta pressa e uma idosa atravessar a própria confusão para dizer uma frase daquelas.

Depois do jantar, subi para o quarto com a intenção de terminar de guardar as últimas coisas. A intenção durou uns quatro minutos.

O vento estava entrando pela janela com mais força do que eu esperava, e a noite perto do mar parecia mais fria do que deveria. Procurei outro cobertor. Nada. Procurei um casaco grosso na mala. Nada também, porque eu tinha enfiado metade da minha vida em caixas sem nenhum critério científico.

Olhei para o alto do guarda-roupa.

Havia uma caixa de lona pequena lá em cima. Eu lembrava vagamente dela. Acho que usava nas férias para guardar brinquedo velho, livro, sei lá. Arrastei a cadeira da escrivaninha, subi e estiquei o braço.

Foi quando ouvi.

Tum.

Parei.

Fiquei imóvel sobre a cadeira, o braço ainda esticado.

Esprei.

Nada.

Peguei a caixa de lona, desci e coloquei em cima da cama. Tinha uns álbuns antigos, uma lanterna sem pilha, um baralho incompleto e um

cachecol meu de anos atrás. O cachecol ainda tinha um cheiro leve de guardado. Nem sinal de cobertor.

  Ia largar tudo de qualquer jeito quando ouvi de novo.

  Tum.

  Dessa vez mais claro.

  Não vinha do quarto.

  Vinha de cima.

  Saí para o corredor e olhei para o teto. No fim dele havia um alçapão de madeira, com uma cordinha pendendo. O sótão.

  Na hora lembrei de uma coisa antiga, ridícula e nítida: quando eu era criança, minha mãe dizia que aquele lugar não era para brincar. O que, obviamente, fazia do sótão o lugar mais interessante da casa inteira. Eu lembrava de ficar encarando aquela cordinha com a sensação de que o mundo adulto inteiro tinha sido criado para impedir crianças de descobrir coisas realmente boas.

  O barulho veio pela terceira vez.

  Meu corpo inteiro sugeriu que eu voltasse para o quarto, fechasse a porta e decidisse que vento também sabe fazer sons estranhos.

  Mas curiosidade, quando se junta com raiva e insônia, vira uma péssima conselheira.

  Voltei ao quarto, peguei a lanterna da caixa de lona. Apertei o botão. Nada. Bati na lateral, como se isso resolvesse problemas elétricos. Nada. Então fui de celular mesmo.

  Puxei a cordinha.

  A escada retrátil desceu com um estalo seco, alto demais. Fiquei parada, esperando ouvir minha mãe perguntar o que eu estava fazendo. Nada. A casa seguiu quieta. Ou fingiu.

  Subi.

  O sótão cheirava a poeira, papel velho e umidade. A luz do celular foi cortando o escuro aos pedaços: caixas empilhadas, revistas antigas, um espelho coberto por lençol, duas cadeiras tortas, brinquedos quebrados, uma mala dura, um ventilador velho sem hélice.

  “Perfeito”, eu sussurrei. “Invadir um sótão desconhecido à noite é exatamente o tipo de decisão madura que eu costumo tomar.”

  Dei mais alguns passos.

O piso rangeu.

Um monte de jornal no canto se mexeu, e meu coração disparou antes de o meu cérebro entender que era só vento entrando por uma fresta do telhado.

O barulho tinha sido aquilo.

Provavelmente.

Eu já ia descer quando reparei numa coisa estranha: num canto, atrás de uma mala antiga, havia uma caixa de madeira menor que as outras. Escura, com ferragens enferrujadas e um adesivo quase apagado de alguma banda que eu não conhecia. O estranho não era a caixa. Era o entorno.

Havia poeira em tudo. Nela, menos.

Como se alguém tivesse passado a mão ali fazia não muito tempo.

Abaixei devagar.

A madeira estava fria. O fecho rangia, mas não estava trancado. Antes de abrir, olhei para trás, para a escada, para o buraco escuro do corredor lá embaixo. Nada. Mesmo assim, tive a impressão absurda de que alguém podia aparecer a qualquer momento e dizer que aquilo não era meu.

Talvez não fosse mesmo.

Levantei a tampa.

Lá dentro havia recortes, folhas dobradas, uma fita cassete e um gravador pequeno, prateado, daqueles antigos. Por um segundo, fiquei só olhando. Não porque eu estivesse com medo de verdade, mas porque existe um tipo muito específico de susto que vem quando você encontra um objeto que claramente não foi esquecido ao acaso.

Peguei a fita.

Na etiqueta branca, escrita à mão, havia só quatro palavras:

*Para quem vier depois.*

Aquilo não tinha cara de coisa do meu avô.

Nem de objeto jogado fora e largado no alto.

Olhei para a escada.

Tudo quieto.

O vento passava pelo telhado como se a casa respirasse por cima da minha cabeça.

Peguei a fita e o gravador. Hesitei por um segundo. Depois enfiei os dois debaixo do braço, fechei a caixa e desci. A escada pareceu ranger mais na volta, como se denunciasses cada movimento. Empurrei o alçapão para cima e fiquei alguns segundos olhando para ele fechado, tentando convencer meu corpo de que eu não tinha acabado de fazer nada demais.

No quarto, tranquei a porta, embora ela nem fechasse direito. Sentei na cama. O celular estava com pouca bateria, então deixei a lanterna apagada e fiquei só com a luz fraca do abajur.

O gravador parecia menor fora do sótão. Menos assustador. Mais triste. Tinha um arranhão na lateral e uma mancha escura perto do botão de volume. Virei a fita entre os dedos, olhando para a etiqueta de novo.

*Para quem vier depois.*

Depois de quê?

Encaixei a fita no gravador.

Apertei play.

No começo veio só chiado.

Depois, um som leve de alguém ajustando o aparelho.

Uma respiração.

E então uma voz jovem, baixa, um pouco rouca, atravessou o ruído.

*“Se você achou isso, então mexeu onde não devia.”*

Parei de respirar.

A voz soltou uma risada curta, sem alegria.

*“Ou talvez devesse. Nunca sei.”*

Houve outro chiado.

*“Meu nome é Olívia.”*

Só isso já bastou para meu estômago afundar, embora eu não soubesse por quê.

A voz continuou:

*“Se alguém tiver te contado a história inteira, pode desligar.”*

Uma pausa.

*“Se ninguém contou, então começa por aqui.”*

O gravador estalou.

A fita terminou.

Eu fiquei olhando para o aparelho, esperando uma continuação que não veio.

Apertei o botão de novo.

Nada.

Rebobinei. Dei play. Ouvi o mesmo trecho inteiro, idêntico, curto demais, insuficiente demais.

Meu coração estava acelerado de um jeito burro. Não porque eu achasse que tinha fantasma no sótão. Eu não achava.

Era pior.

Eu achava que tinha família.

Fiquei sentada na cama, com o gravador no colo, escutando o vento bater na janela e o mar ao longe. Pela primeira vez desde que cheguei, Porto Claro não parecia só uma cidade velha e úmida onde minha vida tinha sido despejada por falta de opção.

Parecia um lugar onde alguma coisa tinha sido escondida.

E, sem saber exatamente por que, eu já tinha a sensação de que essa coisa tinha alguma relação comigo.

# Gente nova, silêncios velhos

Eu não dormi direito.

Na verdade, dormir nem chegou a ser uma possibilidade séria. Passei boa parte da madrugada ouvindo os mesmos vinte e poucos segundos da fita, como se repetir um mistério fosse o mesmo que entendê-lo. Não era. Só me deixava mais irritada. A voz dizia o nome, mandava desligar se alguém já tivesse contado a história inteira e depois parava, como se o resto tivesse sido arrancado do mundo ou escondido em algum lugar que eu ainda não conhecia.

Ouvi a fita cinco vezes. Depois sete. Depois parei de contar.

Em algum momento, tirei a fita do gravador e fiquei olhando para ela contra a luz fraca do abajur, tentando descobrir se havia algum truque óbvio. Uma parte solta. Um defeito. Um pedaço de fita embolado. Qualquer coisa que explicasse por que alguém gravaria só aquilo e deixaria escondido num sótão. Não encontrei nada. Também não sabia exatamente o que estava procurando.

Quando o céu começou a clarear, eu estava cansada, com dor no pescoço e uma certeza desagradável: ninguém naquela casa ia me explicar coisa nenhuma de boa vontade.

Desci para o café com o gravador escondido dentro da mochila.

Minha mãe estava na pia, mexendo o café como se a tarefa exigisse precisão cirúrgica. Minha avó estava sentada à mesa, cortando o pão em pedaços pequenos demais, todos quase do mesmo tamanho. Havia

uma ordem estranha naquele gesto. Como se, naquela casa, até o pão precisasse caber em alguma regra.

*“Dormiu?” minha mãe perguntou, sem me olhar.*

*“Com certeza. Sonhei com paz interior, gaivotas e terapia familiar.”*

Ela me lançou aquele olhar que, em linguagem de mãe, significa não começa.

Eu comecei.

Peguei a caneca, sentei e deixei alguns segundos passarem. Às vezes, uma pergunta funciona melhor quando a pessoa quase acredita que ela não virá.

“Mãe.”

“Hum?”

“Tinha alguém aqui que gravava fita cassete?”

A colher parou dentro da xícara.

Foi pouco, quase nada. Mas eu vi.

“Fita cassete?” ela repetiu.

“É. Coisa antiga. Voz gravada. Esse tipo de tecnologia jurássica.”

Minha mãe pousou a colher no pires.

“Por quê?”

“Porque eu achei um gravador velho.”

*“Você mexeu no sótão?”*

A pergunta saiu rápida demais. Rápida e afiada.

“Mexi.”

*“Eu já falei que lá em cima tem poeira, mofo, prego, madeira solta.”*

“Obrigada pela preocupação retroativa.”

“Lia.”

“Foi só uma pergunta.”

“E eu estou respondendo que você não devia ter subido.”

“Isso não é resposta.”

Minha mãe respirou fundo, e eu quase ouvi a engrenagem dela escolhendo a versão mais segura.

“Deve ser coisa do seu avô.”

A resposta veio limpa demais.

Pronta demais.

Minha avó ergueu os olhos.

“Não era do seu avô.”

O silêncio caiu na cozinha inteiro.

Minha mãe virou para ela.

“Mãe.”

Dona Célia franziu a testa, como se estivesse ouvindo uma conversa que chegava atrasada.

“Era da menina que cantava”, ela disse.

Minha mãe largou a xícara com força um pouco maior do que precisava.

“Chega.”

Minha avó piscou, confusa.

“Eu só falei...”

“Eu sei o que a senhora falou.”

Ninguém disse mais nada durante o café.

Mas o estrago já estava feito.

A menina que cantava.

A frase ficou comigo durante todo o caminho até a escola, encaixada na cabeça de um jeito incômodo. Minha mãe foi dirigindo em silêncio. Eu fiquei com a mochila no colo, uma das mãos segurando a alça como se o gravador pudesse fugir lá de dentro. Às vezes, ela me olhava pelo canto do olho. Eu fingia não ver.

Porto Claro de manhã era outra cidade. Ainda antiga, ainda cheia de maresia, mas mais viva. Cheiro de café e pão na chapa saindo da padaria, bicicletas passando, alunos de uniforme em bando, carro estacionado torto, cachorro dormindo no meio da calçada. Minha escola antiga era maior, mais barulhenta, mais impessoal. A nova tinha cara de lugar onde todo mundo sabia da vida de todo mundo antes mesmo da segunda aula.

*“Eu falo com a diretora e você vai para a sala”, minha mãe disse, estacionando.*

*“Que bom. Já estava com medo de precisar sobreviver sozinha por cinco metros.”*

Ela apertou a boca.

“Eu sei que você está brava.”

“Ótimo. Estamos avançando.”

“Mas não desconta em todo mundo.”

Eu abri a porta.

“Vou tentar selecionar melhor as vítimas.”

A diretora me recebeu com aquele sorriso treinado de adulto que lida com adolescente desconfortável três vezes por semana.

“Você vai se adaptar.”

Mais uma pessoa apostando nisso.

A sala do segundo ano B já estava quase cheia quando entrei. A professora de história interrompeu a explicação, disse meu nome, apontou uma carteira vazia no meio da sala e continuou falando sobre ditaduras latino-americanas como se apresentar gente nova e explicar trauma político fizessem parte do mesmo fluxo natural da vida.

Sentei.

A menina da frente voltou a escrever. Um garoto perto da janela dormia com honestidade invejável. Duas meninas cochicharam e riram de alguma coisa que eu preferi decidir que não era sobre mim.

A primeira manhã em escola nova tem um tipo próprio de tortura. Ninguém faz nada diretamente cruel, pelo menos não no começo. Só olham rápido demais. Param de falar quando você passa perto. Tentam adivinhar sua história pela mochila, pelo sapato, pelo jeito de sentar. E você, que não pediu para virar novidade, precisa fingir que não percebe.

No intervalo, eu já tinha concluído que dava para sobreviver ali com a estratégia clássica: parecer ligeiramente antipática e muito ocupada. Em geral, funciona.

Funcionou por exatos quatro minutos.

“Você é nova, mas não tem cara de nova assustada”, disse uma voz diante de mim. “Tem cara de nova irritada. Acho promissor.”

Levantei os olhos.

O menino tinha pele morena, cabelo cacheado curto, óculos finos e um sorriso de quem dizia coisas invasivas com tanta leveza que elas quase pareciam gentis.

“Obrigada?”, respondi.

*“Ravi.” Ele puxou a cadeira da minha frente sem pedir licença. “Se preferir, eu também posso fingir que não estou aqui. Tenho versatilidade.”*

“E por que não faria isso?”

“Porque a escola inteira já está tentando decidir se você é misteriosa ou só dormiu mal.”

“E o seu diagnóstico?”

“Os dois.”

Não consegui evitar um riso curto.

Ele apontou para o meu sanduíche, intacto.

“Se você não comer isso logo, alguma gaivota vai descer da quadra e levar embora.”

“Tem gaivota na quadra?”

“Tem gaivota em qualquer lugar perto do mar. Você é nova mesmo.”

A conversa foi fácil de um jeito que me deixou desconfiada. Gente fácil geralmente esconde alguma coisa. Mas Ravi não parecia fácil. Parecia só decidido a não complicar o que já vinha complicado de fábrica. Falou da escola, dos professores, da cantina, de uma menina do terceiro ano que vendia brigadeiro escondido como se administrasse um império ilegal. Eu respondi pouco, mas ele não pareceu se incomodar.

“Você veio de onde?”, ele perguntou.

“De longe o suficiente para ninguém aqui saber quem eu era ontem.”

“Isso pode ser bom.”

“Pode ser péssimo também.”

“Quase tudo pode.”

Ele falou isso sem drama, e talvez por isso a frase não me irritou.

Depois do intervalo, eu errei um corredor e fui parar no bloco de artes. Entrei numa sala aberta achando que era a certa.

Não era.

Era a sala de música.

Um menino estava sozinho lá dentro, sentado num banco alto, afinando um violão de madeira escura. As janelas estavam abertas. O vento mexia em algumas partituras largadas sobre um piano. Havia sol

no chão e aquele silêncio específico de lugar em que alguém acabou de tocar ou vai tocar de novo.

Ele ergueu os olhos quando me viu.

“Trocou história por música ou só se perdeu?”

A voz dele era calma, mas não fria.

*“Talvez os dois”, respondi.*

*“Corredor da direita, depois escada.”*

Fiz que sim com a cabeça e já ia sair quando ele completou:

*“Ou você pode ficar mais dez segundos e fingir que entrou aqui de propósito.”*

Olhei de novo para ele.

“Obrigada pela saída honrosa.”

“Disponha.”

Ele voltou a mexer na tarraxa do violão. Tocou uma corda, fez uma careta pequena, ajustou outra vez.

Eu me virei para a porta.

“Você é a garota da casa da Dona Célia, não é?”

Parei no meio do passo.

“Como você sabe?”

“Minha mãe sabe tudo o que acontece nessa cidade e acha isso uma qualidade.”

“Assustador.”

“Bastante.”

Ele apoiou o braço no violão.

“Você é a Lia.”

“E você me conhece sem me conhecer.”

“Cidade pequena. Às vezes é um esporte.”

“Ótimo.”

Ele quase sorriu.

“Dante.”

“Prazer involuntário”, eu disse.

Dessa vez ele sorriu de verdade, mas foi rápido. Um sorriso que não tentava convencer ninguém.

Quando saí da sala, meu corpo fez uma coisa irritante: quis voltar. No fim da aula, Ravi apareceu do meu lado como se surgisse da parede. “Vi você saindo da música.”

“Isso parece acusação.”

“Não. Só observação. Dante Ferraz tem cara de quem complica a vida dos outros sem fazer esforço.”

“Você acabou de me conhecer.”

“Exatamente. Por isso achei importante avisar cedo.”

“Você sempre avisa as pessoas sobre perigos locais?”

“Só quando o perigo toca violão e tem nome literário.”

“Dante não é nome literário. É nome de alguém que provavelmente sofre em silêncio olhando pela janela.”

“Exatamente.”

Eu ri de novo, e isso me irritou um pouco. Rir duas vezes no mesmo dia em escola nova parecia concessão demais.

Voltei para casa tentando não pensar em fita, nem em mãe mentindo, nem em menino de violão em sala vazia.

Falhei nas três coisas.

Minha avó cochilava na sala. A televisão estava ligada num programa de culinária que ninguém parecia assistir. Minha mãe ainda não tinha chegado. Subi para o quarto, joguei a mochila na cadeira e fiquei algum tempo parada sem fazer nada útil. Havia um tipo de cansaço que não vinha do corpo, mas de estar o tempo inteiro tentando entender o que as pessoas não diziam.

Depois desci de novo.

No corredor do andar de baixo, perto da escada, havia uma fileira de fotos antigas. Eu já tinha reparado nelas na véspera, mas agora olhei com mais calma. Meu avô em pé, sério. Minha mãe criança, com franja torta. Um retrato meu pequena, segurando um baldinho vermelho numa praia que eu nem lembrava direito.

E então vi a outra.

Duas meninas adolescentes na areia, abraçadas. Uma era minha mãe, muito mais nova, rindo de um jeito que eu nunca tinha visto. A outra era parecida comigo o suficiente para me fazer gelar por dentro. Mesmo cabelo escuro. Mesmo jeito de inclinar a cabeça. O mesmo tipo de sorriso

meio torto. Mas havia nela alguma coisa diferente. Uma coragem no rosto. Ou talvez eu estivesse inventando isso porque precisava.

Tirei a moldura da parede.

Olhei para os lados, embora não houvesse ninguém.

Abri a parte de trás com cuidado. Minhas mãos estavam mais nervosas do que deveriam para uma coisa tão simples.

No verso da foto, escrito a caneta azul já meio apagada, havia só isso: Helena e Olívia.

Verão de 1999.

Fiquei olhando para o nome por mais tempo do que precisava.

Olívia.

Não era só uma voz numa fita.

Tinha rosto.

Tinha riso.

Tinha lugar naquela casa.

E, pelo jeito, tinham feito um esforço enorme para fingir que não.

Segurei a foto mais perto. Tentei imaginar minha mãe daquele jeito, com a boca aberta num riso grande, o cabelo bagunçado pelo vento, o braço preso ao da outra menina como se nada no mundo pudesse separá-las. Não combinava com a mulher que, naquela manhã, tinha quase quebrado uma xícara só porque minha avó disse “a menina que cantava”.

Ou talvez combinasse demais.

Foi aí que ouvi o portão.

Guardei a foto de volta na moldura com pressa, mas não coloquei na parede. Fiquei com ela na mão por mais um segundo, sentindo que devolver aquela imagem ao lugar dela seria participar da mentira.

Então subi para o quarto com a moldura escondida contra o peito.

No corredor, antes de fechar a porta, ouvi minha mãe entrando.

“Lia?”, ela chamou.

“Estou aqui em cima.”

“Como foi a escola?”

Olhei para a foto.

Olívia sorria ao lado da minha mãe como se ainda pudesse ser encontrada.

“Normal”, respondi.

Era mentira.

Mas, naquela casa, pelo visto, normal era só outro nome para o que ninguém queria explicar.

## O nome que ninguém diz

Eu passei a noite tentando não olhar para a foto.

Falhei.

A moldura ficou sobre a escrivaninha como se tivesse sido colocada ali por outra pessoa, alguém mais corajoso ou mais imprudente. Eu deitava, virava de lado, fechava os olhos e, quando percebia, já estava olhando de novo. Minha mãe e Olívia na praia. As duas abraçadas. As duas rindo. As duas vivendo dentro de uma imagem que contradizia tudo naquela casa.

O pior não era a semelhança entre mim e Olívia.

O pior era a diferença entre aquela Helena da foto e a minha mãe.

Na foto, minha mãe ria com a cabeça levemente inclinada para trás, como se ainda não tivesse aprendido a economizar alegria. O cabelo estava solto, bagunçado pelo vento, grudado no rosto em alguns fios. Um dos braços passava pelos ombros de Olívia. Não era um abraço formal. Era daqueles abraços apertados demais, de quem não imagina que um dia vai precisar provar que amou.

Eu tentei lembrar se já tinha visto minha mãe rir daquele jeito.

Não lembrei.

Isso me deixou triste antes de me deixar irritada.

Depois me deixou irritada por ter ficado triste.

A fita continuava sobre a cama, perto do gravador. Curta demais. Insuficiente demais. “Meu nome é Olívia.” A frase parecia simples, mas tinha feito uma bagunça imensa. Era como se alguém tivesse riscado uma

parede da casa e, por baixo da tinta, aparecesse outra cor. Uma cor antiga. Escondida.

No dia seguinte, acordei com os olhos pesados e a sensação de que o quarto tinha ficado menor. A luz da manhã entrava pela cortina florida e batia no espelho manchado do guarda-roupa, dividindo meu rosto em partes irregulares. Por um segundo, antes de levantar, pensei em deixar a foto onde estava, fingir que nada tinha acontecido, ir para a escola, voltar, jantar sopa, responder “normal” para tudo.

A ideia durou pouco.

Eu já tinha puxado o fio.

E, depois que a linha começa a soltar, é quase impossível fingir que a roupa continua inteira.

Desci com a foto dentro do caderno.

Não sei por quê.

Talvez eu quisesse mantê-la perto. Talvez quisesse impedir minha mãe de tirá-la de mim. Talvez eu só estivesse agindo como quem acaba de encontrar uma prova e ainda não sabe exatamente de qual crime.

Minha mãe estava na cozinha, de costas para a porta, fazendo café. Dona Célia estava sentada à mesa, com um prato vazio à frente e uma faca na mão. Ela passava a faca sobre o prato sem cortar nada, como se repetisse um gesto antigo que perdeu o objeto.

“Bom dia”, minha mãe disse.

“Bom.”

Ela virou apenas o suficiente para me olhar.

“Dormiu melhor?”

“Não muito.”

“Você ficou até tarde mexendo nas coisas?”

A pergunta veio casual demais.

Eu puxei uma cadeira e sentei.

“Nas minhas coisas ou nas coisas que ninguém quer que eu veja?”

Minha mãe ficou imóvel por um segundo. Depois pegou a garrafa térmica.

“Lia, ainda é cedo.”

“Para café ou para verdade?”

Ela colocou a garrafa na mesa com cuidado.